

A FÁBULA DE UM CRONISTA LIBERAL: POLÍTICA E LITERATURA EM UM CONTO FANTÁSTICO MACHADIANO

Rodrigo Camargo de GODOI¹

- **RESUMO:** Partindo de textos de crítica e crônicas nos quais Machado de Assis explicita de forma clara suas concepções políticas e artísticas, este artigo analisa o conto fantástico “O país das quimeras”. Deste modo, sem desconsiderar as influências da literatura fantástica oitocentista sobre Machado, ao mesmo tempo verificamos que o jovem contista passava a utilizar também a ficção como espaço para discussão de temas caros a sua incipiente prosa, dentre eles a política imperial.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. Conto fantástico. Política.

Introdução

Podemos afirmar que nos escritos do jovem Machado de Assis, os princípios estéticos se confundem com princípios políticos bem definidos. Neste sentido, os inúmeros textos de crítica literária e teatral legados por Machado nos oferecem a devida proporção do engajamento político do jovem literato. Em “O passado, o presente e o futuro da literatura”, publicado n’*A Marmota* nos dias 9 e 23 de abril de 1858, pouco antes de o Machadinho completar vinte anos, já encontramos o que para ele deveria ser a principal ambição da literatura:

No estado atual das cousas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. (ASSIS, 2004, v.3, p.787-788).

E, adiante complementa:

¹ UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Teoria e História Literária. Campinas – SP – Brasil. 13084-971 – rodrigocamargo21@hotmail.com
Apoio financeiro: CAPES.

A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, um aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época! (ASSIS, 2004, v.3, p.789).

O autor propõe de maneira objetiva o empenho do homem de letras no “[...] movimento da sociedade em que vive e de que depende.” (ASSIS, 2004, v.3, p.788). A sociedade, neste sentido, ofereceria a matéria-prima fundamental ao trabalho literário, bastava para isso o artista saber “descobrir, copiar [e] analisar”. Mais tarde, em outro célebre texto intitulado “Idéias sobre o teatro”, publicado desta vez no jornal *O Espelho*, entre setembro e dezembro de 1859, Machado de Assis (2004, v.3, p.791) reitera suas concepções artísticas:

É claro ou é simples que arte não pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. O teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo teatro grego; uma iniciativa de moral e civilização. Ora não se pode moralizar fatos de pura abstração em proveito das sociedades; a arte não deve desvairar-se no doido infinito das concepções ideais, mas identificar-se com o fundo das massas; copiar, acompanhar o povo em seus diversos movimentos, nos vários modos da sua atividade.

Machado de fato acreditava que a “[...] arte não pode aberrar das condições atuais da sociedade” (ASSIS, 2004, v.3, p.791). O teatro, neste caso, é para ele “uma iniciativa de moral e civilização”, que para atingir seus nobres objetivos jamais deveria prescindir da realidade, devendo estar sempre atento para não “[...] perder-se no mundo labiríntico das abstrações.” A arte, por conseguinte, deve “identificar-se com o fundo das massas” (ASSIS, 2004, v.3, p.791). Mas como nos mostra Jefferson Cano (2001, p.39) “[...] a afirmação da doutrina de uma ‘arte pura’, ou da imaginação como um domínio isolado das tensões sociais era um horizonte ainda muito distante da atividade dos homens de letras do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX”. Assim sendo, tal posicionamento não era característico apenas ao jovem Machado de Assis, sendo também comum aos demais membros do “orbe literário” fluminense.

Também nas crônicas, modalidade literária que Machado passará a praticar com certa assiduidade, sobretudo a partir de seu ingresso no *Diário do Rio de Janeiro* e do início da série “Comentários da Semana”, em outubro de 1861, encontramos de forma mais explícita e, por vezes, até agressiva, os mesmos princípios políticos. Neste sentido, Marco Cícero Cavallini comprova ser indissociável a política da literatura nas crônicas de Machado de Assis publicadas no *Diário*. O historiador afirma que “[...] em todos os momentos fica patente o vínculo entre as opiniões de Machado e

as idéias liberais.” (CAVALLINI, 1999, p.69). Por conseguinte, temos que também a ficção machadiana acabará por fundir-se nesse amplo projeto político-liberal. Jefferson Cano (2008, p.28), em trabalho recentemente publicado, demonstrou que é justamente “[...] em meio à militância do jornalismo político, que começou a se formar o literato, exercitando-se na poesia, na crônica e enfim nos contos.”; encontramos, portanto, “[...] em todas as esferas de sua atuação como escritor, a mesma coerência entre seus princípios políticos e sua criação literária.” Assim, mesmo em momentos interpretados por estudiosos como Jean-Michel Massa (1971) como de convalescença é possível encontrarmos a mesma coerência entre literatura e política no jovem Machado de Assis.

A partir dessa hipótese, propomo-nos neste trabalho a analisar o conto “O país das Quimeras”, publicado originalmente no quarto número da revista literária luso-brasileira *O Futuro*, em novembro de 1862, conto esse definido pelo próprio Machado de Assis como fantástico. Porém, antes de iniciarmos a análise, tratemos de alguns estudos sobre o conto machadiano e sobre as narrativas fantásticas desse gênero produzidas pelo autor.

Machado de Assis, o conto e o conto fantástico

Machado de Assis publicou na revista literária *O Futuro*, que circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1862 e julho de 1863, nada menos que quinze crônicas, cinco poesias e um conto, em um total de 21 colaborações, número que apenas o deixa atrás de Faustino Xavier de Novais, principal editor do periódico². No entanto, até a publicação do conto “O país das quimeras”, Machado havia colaborado apenas com uma crônica e um poema nessa revista, assim sua colaboração se torna de fato constante a partir do sétimo número de *O Futuro*. Sabemos também que narrativas desse gênero não eram até então frequentes na série do jovem literato. Com exceção de “Três tesouros perdidos”, da tradução de “Bagatela” – conto cujo nome do autor não foi divulgado – e do “romance original” *Madalena*, ambos publicados n’*A Marmota*, de Paula Brito, a produção machadiana compunha-se principalmente de versos, crônicas, críticas e, recentemente, de suas primeiras comédias (SOUSA, 1955).

² O número total das colaborações machadianas por nós constatado difere do número apresentado por Jean-Michel Massa (1971). Nosso levantamento refere-se a 21 textos, entre crônicas, poesias e o citado conto. Massa, no entanto, refere-se a um total de 23 textos. Porém, a causa dessa disparidade talvez esteja no fato de não localizarmos entre os microfílmicos do periódico o sexto número.

Consideremos do mesmo modo que por esse período, entre as décadas de 1850-60, como nos mostra Sílvia Maria Azevedo (1990), o próprio conto ainda não gozava de grande prestígio entre os literatos fluminenses. De acordo com essa autora, o gênero não encontrou grandes dificuldades ao ser introduzido no Brasil, entre 1836 e 1842, quando um conhecido grupo de escritores românticos – composto por Justiniano José da Rocha, Francisco Salles Torres-Homem, Gonçalves de Magalhães, entre outros – passou a divulgá-lo na imprensa periódica do Rio de Janeiro. Assim, foram nas páginas d’*O Chronista* e do *Jornal dos Debates* que os leitores encontraram as primeiras narrativas do gênero, principalmente traduções de escritores franceses. Porém, acrescenta Azevedo (1990, p.19) que não bastou o esforço desses jornais em disseminar o novo gênero e “[...] seus cultores estrangeiros para que os nossos escritores passassem a escrever textos que pudessem ser chamados de conto.” Para que isso acontecesse, de acordo com a autora, “[...] demanda[va], em primeiro lugar, o aprendizado das leis que regem a criação do conto e, em seguida, a prática de escrever contos de forma que o gênero ganhasse identidade nacional e estatuto literário.” (AZEVEDO, 1990, p.19).

Ressalta Azevedo (1990, p.18) que entre 1850 e 1860 era o romance que se encontrava em “maior expansão”. O caso de Machado de Assis em partes ilustra essa afirmativa, visto que no período demarcado pela autora sua produção de contos é, como vimos, bem restrita. Somente a partir de 1864, com o ingresso no *Jornal das Famílias*, é que a produção de contos de Machado se tornará, digamos, sistematizada. Deste modo, somente naquele ano o autor publicará quatro narrativas completas no periódico da Garnier: “Frei Simão”, “Virginius”, “O anjo das donzelas” e “Casada e viúva”, iniciando ainda a publicação de “Questão de vaidade” (SILVEIRA, 2005, p.209).

No entanto, acreditamos que além do romance, como defende Azevedo, também o teatro, e conseqüentemente o amplo projeto de intervenção social ao qual ele se vinculava, pode, nesse período, ter desviado a atenção dos literatos do gênero conto. Outro caso que o mesmo exemplo machadiano pode novamente muito bem ilustrar. Em meados e fins de 1862, o teatro fazia-se mais constante na produção ficcional de Machado de Assis. É desse período a comédia em um ato *O caminho da porta*; o drama em dois atos *Gabriela* e outra comédia em um ato intitulada *O protocolo* (SOUSA, 1955, p.354-362). Em suma, podemos afirmar que Machado era antes dramaturgo que contista. Situação que, como observado, se alterará a partir de 1864, quando, já no *Jornal das Famílias*, será o contista que suplantará o dramaturgo. Lembremos igualmente que *Ressurreição*, o primeiro romance de Machado, virá a público apenas uma década mais tarde, em 1872. Mas consideradas as primeiras relações entre Machado e o conto, passemos a alguns estudos que definiram o conto fantástico na literatura e trataram do fantástico produzido pelo autor.

Assim sendo, tomemos a dissertação de Marcio Cícero de Sá (2003), *Da literatura fantástica (teorias e contos)*, que, por sua vez, nos apresenta um interessante guia das principais concepções teóricas sobre a literatura fantástica entre os séculos XIX e XX. Sá reconstitui em seu estudo as múltiplas interpretações do gênero a partir de teóricos como Howard Phillip Lovecraft, Peter Penzoldt, Sartre, Tzvetan Todorov e Freud. Adotemos o estudo de Sá como bússola para tentarmos passar rapidamente, e a salvo, pelas trilhas muitas vezes assustadoras das narrativas fantásticas. Iniciemos, portanto, por Lovecraft, que em seu *Supernatural horror in literature*, de 1927, defendia que a narrativa fantástica se aliava e se definia no efeito, ou medo, provocado no leitor. Já o filósofo Jean-Paul Sartre, em *Situations I*, de 1947, dividia o gênero em dois momentos: o primeiro denominado *fantástico tradicional*, característico do século XIX, e o segundo, o *fantástico moderno*, que surgiu e se desenvolveu no século XX, sobretudo a partir de Kafka.

Peter Penzoldt, por sua vez, em *The supernatural in fiction*, de 1952, partia de uma abordagem psicanalítica. Defendia, entre outras concepções, que a forma do conto era a ideal para o fantástico, pois o desligamento da realidade provocado pela narrativa se sustentava apenas por poucos momentos, daí a inexistência de novelas ou romances fantásticos; outra concepção desse autor que vale notarmos diz respeito ao leitor do século XIX que, por razões de ordem sociocultural, encontrava-se mais propício a esse gênero literário. Entretanto, o estudo mais detalhado sobre o tema foi realizado em 1968, por Tzvetan Todorov, no volume *Introdução à literatura fantástica*. Mas antes de passarmos às considerações de Todorov, que encerram o que Marcio Cícero de Sá (2003) definiu como *vertente literária* dos estudos sobre o fantástico, ressaltemos que também Sigmund Freud, em *A interpretação dos sonhos*, de 1900, e *O estranho*, de 1919, igualmente contribui, segundo Sá, para a compreensão do gênero literário. Constituiu-se a partir de então a *vertente psicanalítica* que muito influenciou os autores previamente analisados.

Por intermédio de uma abordagem estruturalista, Todorov (1975) defende que o fantástico localiza-se na intersecção exata entre o estranho e o maravilhoso. O estranho, nesse caso, define-se como o fato passível de explicação por parâmetros naturais e científicos, e o maravilhoso compreende, por sua vez, o mundo imaginário, cujo entendimento é impossível ante a realidade humana. Na hesitação entre essas duas instâncias se dá finalmente o que se pode chamar fantástico. Desse modo, nas palavras do autor o fantástico

[...] dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da “realidade”, tal qual existe no cotidiano comum. [...] Se ele [leitor] decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a outro gênero: o estranho. Se, ao

contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos nos gênero do maravilhoso (TODOROV, 1975, p.47-48).

Todorov ainda define os discursos característicos do gênero, os modos verbais mais utilizados, constata a freqüente utilização de narradores fidedignos, que atestam certa veracidade à narrativa; em suma, cria um arcabouço teórico que, somando-se aos estudos já mencionados, ofereceram subsídios para as análises que se realizaram sobre o conto fantástico de Machado de Assis. Dentre esses citemos os recentes trabalhos de Marcelo José Fonseca Fernandes (2003) e Darlan de Oliveira Gusmão Lula (2005).

Ambos os estudos convergem ao afirmarem que os grandes escritores de narrativas fantásticas do século XIX, principalmente Edgar Allan Poe, Ernest Theodor Amadeus Hoffmann e Theophile Gautier, encontravam-se no imediato horizonte de expectativa de Machado de Assis³. De fato, Machado, além de referir-se com certa freqüência à obra de Edgar Allan Poe, como no prólogo que escreveu para o conto “Uma excursão milagrosa”, de 1866 – reescrita de “O País das Quimeras”, publicado no *Jornal das Famílias* –, também traduziu do mesmo autor o poema “O corvo”. Assim, podemos concordar, que quando Machado definiu o conto “O país das quimeras” como fantástico, sabia muito bem do que se tratavam essas narrativas.

Contudo, para Marcelo Fernandes (2003), é à primeira vista difícil percebermos o traço fantástico na vasta produção de contos de Machado, que chega a duas centenas, justamente pelo fato do autor a ter diluído em sua carreira. Desse modo, buscando uma tipologia para o conto fantástico machadiano, Fernandes define como característica comum a essas narrativas, com algumas poucas exceções, a presença do elemento onírico. O fantástico em Machado “[...] opera no plano inconsciente, exatamente na fresta crepuscular entre a vigília e o sono.” dá-se conseqüentemente, na “fusão entre a parte real e a parte sonhada” (FERNANDES, 2003, p.3). Essas características oníricas acabam por afastar Machado de Assis do conto fantástico anglo-saxão, cuja atmosfera, carregada de mistério e pavor, não se imprime da mesma maneira no autor. Assim, o conto fantástico de Machado se alinha, em forma e conteúdo, ao conto fantástico francês do século XIX, sendo sua principal influência, segundo Fernandes, Theophile Gautier. Neste sentido, o autor nos lembra que grande parte dessas narrativas foram publicadas originalmente nas páginas do

³ Além desses autores, citemos o trabalho de Ana Helena Krause Armange (2005): *A concepção de conto em Machado, Poe e Tchekhov: diferenças e similitudes*. Também Rissá e Bitencourt (2007) defenderam as influências de Poe nos contos “A cartomante” e “O alienista” de Machado em: *Confluências literárias: Machado de Assis e Edgar A. Poe*. Já Maria Aparecida Junqueira (2008), por meio de uma abordagem semiótica, entrevistou as mesmas influências no conto machadiano “O relógio de Ouro”; ver: *A presença de Poe em Machado: a filosofia dos efeitos*.

Jornal das Famílias, portanto, Machado escrevia para um público feminino específico, ao qual a temática de terror podia não agradar.

Fernandes identifica um total de quinze narrativas com teor fantástico em Machado: “O país das quimeras” (reescrito como “Uma excursão milagrosa”), “O imortal” (reescrito como “Rui de Leão”), “O anjo Rafael”, “O capitão Mendonça”, “A vida eterna”, “Mariana”, “Decadência de dois grandes homens”, “A chinela turca”, “Os óculos de Pedro Antão”, “Um esqueleto”, “Sem olhos”, “A mulher pálida”, “A segunda vida” e “Um sonho e outro sonho”. E, delineando um paralelo entre Machado e Gautier, acaba por definir duas categorias distintas para o conto fantástico machadiano: os *contos gautierianos* e os *contos não-gautierianos*. Os primeiros, vertente mais usual em Machado, caracterizavam-se pela forte presença do elemento onírico e os últimos, também chamados pelo autor de contos insólitos, caracterizavam-se pela presença do anormal, do incomum e do extraordinário. Mas dentro dessas classes narrativas ainda temos subclasses. Assim, os *contos gautierianos* comportam as subcategorias Sonho/Delírio (onde se encontram, por exemplo, os contos “Decadência de dois grandes homens”, “A chinela turca” e “O país das quimeras”), Sonho/*Rêve éveillé* (“Mariana”) e Sonho/*Conte d'avertissement* (“Um sonho e outro sonho”). Dentre os *não-gautierianos* encontram-se as narrativas insólitas (por exemplo, “Um esqueleto” e “O imortal”), o Fantástico/Policial (à moda de Poe como “Os óculos de Pedro Antão”) e, finalmente, o Fantástico “propriamente dito” (em “Sem olhos”).

Acolhendo as tipologias de Fernandes, Darlan Lula (2005) dá um passo que consideramos até certo ponto válido para a análise do conto fantástico de Machado de Assis. Como Sartre, o autor trabalha com as categorias de fantástico tradicional e fantástico moderno em sua dissertação *Machado de Assis e o gênero fantástico*. Deste modo, ao tratar do conto tradicional, classifica e analisa as narrativas “Decadência de dois grandes homens”, “Sem olhos”, “O capitão Mendonça”, “A vida eterna” e “O anjo das donzelas”. E, no caso do fantástico moderno, parte rumo aos elementos fantásticos existentes no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Darlan Lula (2005, p.29), sobretudo no início do segundo capítulo, ensaia uma tentativa de ligar a temática fantástica de Machado de Assis ao cenário sociocultural do Brasil oitocentista, entrevendo, por exemplo, no Positivismo de Augusto Comte, um elemento capaz de criar “[...] um ambiente propício para o surgimento dos raros exemplos do gênero fantástico no Brasil.” E, após citar Roger Bastide, conclui:

No Brasil do século XIX, o princípio positivista da análise concreta da realidade propiciava o clima de hesitação, que não existiria se nos deixássemos levar pela religiosidade impregnada de fé e receptiva ao sobrenatural. O peso do Positivismo então, contribuiu para gerar o leitor do fantástico. (LULA, 2005, p.30-31).

As pistas sobre as possíveis ligações entre o gênero fantástico e a realidade, atravessadas por correntes de pensamento, são oferecidas a Lula (2005, p.15) por autores como Ítalo Calvino, que defendem que “[...] é no terreno específico da especulação filosófica entre os séculos XVIII e XIX que o conto fantástico nasce”. Entretanto, não temos subsídios empíricos para afirmar que o ideário de Comte formava leitores logo na década de 1860 e, ainda por cima, influenciava o jovem Machado de Assis desse período. Já em outro texto de Darlan Lula (2008, p.3) encontramos outras duas promissoras afirmativas: “[...] a literatura fantástica surgiu para introduzir certos temas caros à sociedade da época que proibia a abordagem de determinados assuntos.” e, no caso machadiano, “A opção pela vestimenta fantástica evita a condenação social.” Contudo, ao analisar o conto “Sem olhos”, o autor acaba por enveredar-se por abordagens marcadamente psicanalíticas (LULA, 2008, p.8).

Não questionando, mas apesar disso nos afastando das tipologias e classificações feitas por Fernandes e Darlan Lula, tentemos abordar o “conto fantástico” “O País das Quimeras” pela perspectiva da experiência histórica do jovem cronista liberal Machado de Assis, que, como temos salientado, fazia política com a mesma pena com que fazia literatura. Passemos, portanto, ao enredo do conto.

A fantástica viagem de Tito

Por meio de um procedimento que demonstra certa sofisticação do narrador, somos, antes do início da história propriamente dita, submersos nos pensamentos conflituosos do protagonista. Acompanhem suas reflexões:

Arrependera-se Catão de haver ido algumas vezes por mar quando podia ir por terra. O virtuoso romano tinha razão. Os carinhos de Anfritite são um tanto raivosos, e muitas vezes funestos. Os feitos marítimos dobram de valia por esta circunstância, e é também por esta circunstância que se esquivam de navegar as almas pacatas, ou para falar mais decentemente, os espíritos prudentes e seguros.

Mas para justificar o provérbio que diz: – debaixo dos pés se levantam os trabalhos – a via terrestre não é absolutamente mais segura que a via marítima, e a história dos caminhos de ferro, pequena embora, conta já não poucos e tristes episódios. (ASSIS, 1862, p.126).

Planejava-se uma viagem, porém, o autor desses pensamentos hesitava se essa viagem se realizaria por mar ou por terra. Profundo conhecedor dos clássicos, buscava primeiramente o exemplo do historiador romano Catão que, por temer “os carinhos de Anfritite”, preferia a via terrestre. Ao mesmo tempo, lembrava-se que ao escolher os caminhos mais seguros, esvaiam-se as glórias que só as viagens marítimas,

justamente pelos perigos que reuniam, podiam proporcionar. Porém, de nada valiam os feitos marítimos, pois que as “almas pacatas”, os “espíritos prudentes e seguros” dão de ombros a esses feitos preferindo a segurança e a poeira das estradas. Saltando, pois da história antiga à recente história dos caminhos de ferro, a personagem acabava por consolar-se de sua covardia.

O autor dessas idéias era Tito, um “poeta aos vinte anos, sem dinheiro e sem bigode”, que naquele momento encontrava-se sentado em sua “mesa carunchosa de trabalho” (ASSIS, 1862, p.126). Tanto no aspecto físico como moral, Tito era marcado por uma estranha duplicidade: o belo rosto, “modelo de pintura” que seria facilmente amado por corações de quinze e vinte anos, tinha de equilibrar-se sobre “pernas zaimbras” e “pés prodigiosamente tortos”. Desse modo, no aspecto físico do poeta a “natureza se divertia” em oferecer o que tinha de melhor no rosto e de pior nos pés. Curiosamente o mesmo se repetia na moral de Tito. A “virtude evangélica da caridade”, expressa, por exemplo, quando ele salvou uma galga de ser atropelada por um carro, tinha de harmonizar-se a uma única e grave fraqueza que, por sua vez, era filha de suas virtudes. Tito vendia suas criações, não as publicando, mas cedendo por dinheiro a “paternidade” de seus escritos. Em um recuo da narrativa, ficamos sabendo que quem comprava os versos de Tito era um sujeito rico e “maníaco pela fama de poeta”.

Assim, em um determinado dia esse homem, sabendo da facilidade com que Tito rimava e da extrema penúria em que vivia, apresentou-se nestes termos:

— Meu caro, venho propor-lhe um negócio da China...

— Pode falar, respondeu Tito.

— Ouvi dizer que você fazia versos... É verdade?

Tito conteve-se a custo diante da familiaridade do tratamento, e respondeu:

— É verdade.

— Muito bem. Proponho-lhe o seguinte. Compro-lhe por bom preço todos os seus versos, não os feitos, mas o que fizer de hoje em diante, com a condição de que os hei de dar a estampa como obra de minha lavra. Não ponho outras condições ao negócio: advirto-lhe, porém, que prefiro as odes e as poesias de sentimento. Quer?

Quando o sujeito acabou de falar. Tito levantou-se, e com um gesto mandou-o sair. O sujeito pressentiu que, se não sáísse logo, as cousas poderiam acabar mal. Preferiu tomar o caminho da porta, dizendo entre dentes: “Hás de procurar-me, deixe estar!” (ASSIS, 1862, p.127-128).

A princípio prevaleceram os brios do poeta. Comercializar sua Musa, sobretudo naqueles termos, era inadmissível. Tito então negou veementemente o “negócio da China” que o homem lhe propunha. No entanto, passados alguns dias a miséria igualmente apresentou-se implacável e o poeta, não tendo recursos, depôs os brios e saiu à procura do sujeito. Esse, ao ver Tito, “riu-se com um sorriso diabólico”,

e, após fazer o primeiro pagamento, encomendou uma ode em homenagem aos polacos. Dado curioso, pois que o próprio Machado, cinco meses mais tarde, também publicou n’*O Futuro* uma poesia intitulada “O acordar da Polônia”⁴. Eis então o principal defeito moral de Tito, “[...] a virtude de pagar em dia, o levou a mercar com os dons de Deus.”, e, por mais que tentasse resistir, não podia, pois estava literalmente “com a corda no pescoço” (ASSIS, 1862, p.128).

Voltamos, pois, à cena onde Tito se encontrava imerso em suas cogitações sobre a melhor forma de viajar e ficamos sabendo que, além do fato vergonhoso de vender seus versos, outro motivo o impelia a deixar a cidade: Tito estava apaixonado. Mas, não bastando os infortúnios até então narrados, somos informados que o poeta amava e não era amado. A autora de suas alegrias e tristezas era uma rapariga de “olhos pretos e porte senhoril”, filha de um velho militar que “ainda acreditava nos partidos políticos e nas cebolas do Egito” (ASSIS, 1862, p.129).

Esse sentimento foi tão intenso que Tito só não morreu de febres, graças à intervenção de uma curandeira da vizinhança que, por meio de suas ervas, o restabeleceu, curando-o das febres, mas não dos amores. Para piorar a situação, as odes de seu cliente passaram a dar lugar a poemas açucarados dedicados à donzela de “olhos pretos”. Versos inúteis, que nada ajudaram o desafortunado poeta a ser aceito no coração austero da filha do militar. Ao cabo de uma apaixonada declaração, ouviu Tito de sua amada que o melhor a ser feito era deixar de lado essas coisas de poemas, musas e amores e cuidar de si e da vida real. Topamos novamente com o poeta absorto em suas reflexões.

Mas de repente, três batidas na porta arrancam Tito de seus pensamentos. Seria o sujeito das odes, pronto a lhe dar uma “sarabanda” pelo atraso nas encomendas? Para o espanto de Tito e do leitor, não era ele:

Mas, ó pasmo! Mal o poeta abriu a porta, eis que uma sílfide, uma criatura celestial, vaporosa, fantástica, trajando veste alvas, nem bem de pano, nem bem de nevoas, uma cousa entre as duas espécies, pés alígeros, rosto sereno e insinuante, olhos negros e cintilantes, cachos louros do mais leve e delicado cabelo, a caírem-lhe graciosos pelas espáduas nuas, divinas, como as tuas, ó Afrodita; eis que uma criatura assim invade o aposento do poeta e estendendo a mão ordena-lhe que feche a porta e tome assento à mesa. (ASSIS, 1862, p.130).

Passam-se cerca de dez minutos de completo silêncio apenas quebrado quando a sílfide pergunta se a razão do pesar de Tito era algum amor não correspondido ou

⁴ De acordo com Galante de Sousa (1955, p.369), “A poesia foi inspirada nos sucessos da revolução de janeiro de 1863, na Polônia.”, assim sendo, comparando-se as datas da revolução e da publicação do conto, não podemos afirmar que a ode de Tito e o poema de Machado se ligam diretamente. Para a publicação original ver: Assis (1863b). O mesmo poema pode ser consultado no volume de versos *Crisálidas* de 1864 em Assis (2004, v.3, p.22-24).

a injustiça dos homens. Tito responde que sofria pela injustiça divina. Em seguida, propõe-lhe uma viagem e Tito, retomando as reflexões de há pouco, pergunta se esta viagem se realizaria por mar ou por terra. A sílfide responde que nem por um nem por outro meio, viajariam pelo ar. Tito, que então esperava um balão ou coisa parecida, mais uma vez se assombra ao deparar-se com as magníficas asas da sílfide. Dá-se então início a fantástica viagem de Tito.

Rasgado o teto, o poeta, puxado pelos braços, começa a subir, subir, subir. Sobe tão alto que começa a temer pela rarefação do ar. Mas quanto mais distante da atmosfera terrestre melhor respirava. Tito e sua companheira de viagem passavam a “ilharga dos planetas” quando adentram na atmosfera de um mundo desconhecido. Até então mudo, caminhando ao lado da sílfide e observando atônito a estranha arquitetura, Tito enfim pergunta onde estavam. A sílfide lhe responde que haviam pousado no país das Quimeras:

— No país das Quimeras?

— Das Quimeras. País para onde viaja três quartas partes do gênero humano, mas que não se acha consignado nas tábuas da ciência. (ASSIS, 1862, p.132).

Chegaram ao palácio do rei daquele país. Logo no átrio encontram com a guarda real, composta por trinta soldados que fumavam cachimbos de espuma e soltavam fumaça azul e branca pela boca. Passaram em seguida a uma grande sala, onde o soberano das Quimeras, o Gênio das Bagatelas, estava sentado em seu trono de casquinha ornado de magníficos pavões. A própria coifa do soberano era na verdade um imenso pavão vivo que, de instante em instante, juntamente com os outros tantos pavões daquela corte, armava-se e dava os guinchos de costume. Tito adentrou a sala do trono puxado pela mão de sua companheira. A sílfide informava aos “fidalgos quiméricos” que seu acompanhante era um dos filhos da terra. Seguiu-se então uma cerimônia de beija-mão, onde não somente o visitante inclinou-se aos pés do soberano, mas toda a corte quimérica. Tito então soube que, naquela corte, até o ato mais insignificante era acompanhado por um pomposo cerimonial.

Finda a cerimônia o rei perguntou a Tito por qual pronome era ele tratado em sua terra natal, para poder ceder-lhe o cicerone mais adequado. “Tenho, se tanto, uma triste mercê” (ASSIS, 1862, p.133), respondeu o poeta. O rei indignou-se diante desse ínfimo pronome, pois em seu país apenas se toleravam a senhoria, a excelência e a grandeza. Assim, em um ato de desdém o gênio soberano deitou-lhe um olhar atravessado e virou-lhe as costas. Tito indagava à sílfide da razão de um simples pronome de tratamento ter desagradado tanto ao soberano, quando a sala foi invadida por uma legião de moças “frescas, lépidas bonitas e loiras” (ASSIS, 1862, p.133). Eram elas as Utopias e as Quimeras, e o poeta logo que as viu teve a impressão de conhecê-las de algum lugar. Porém, por ter desagradado o rei, Tito é

retirado da sala pela sílfide, passando a outra sala onde estava o trono da Moda, a rainha das Quimeras.

Reinava naquele país a arbitrariedade de seu soberano. Tito teve provas disso quando, após sair da sala da rainha e retornar, acompanhado pela sílfide e pelo cicerone, ao passeio pelas inúmeras galerias do palácio. Em uma das salas encontram um grande número de quiméricos à roda de uma mesa discutindo a melhor maneira de influenciar os dirigentes da Terra. Adiante, por uma das janelas, assisti ainda a uma execução na praça principal. O criminoso quimérico fora condenado por lesa-cortesia, ou seja, não fez a tempo “e com graça” uma continência. Crime tido por falta capital naquele estranho país, cuja execução era descrita como um espetáculo.

Passaram depois ao almoço real. A sílfide implorou ao soberano para que seu convidado tomasse assento à mesa, pedido ao qual o Gênio das Bagatelas cedeu. Tito espantou-se ao perceber que o almoço, ao contrário dos extensos cerimoniais e longas medidas, durou pouquíssimos segundos. Da mesa foram rapidamente ao salão de jogos. Tito sentou-se para assistir as partidas que se realizavam quando, mais uma vez, a sala foi invadida pelas belas donzelas, Quimeras e Utopias. O poeta chegou-se a uma delas e lhe perguntou de onde a conhecia, esta depois das cortesias de costume tomou Tito pelo braço e a levou à sala contígua. Eis o diálogo entre os dois:

— Pois de veras não sabes quem somos? Não nos conheces?

— Não as conheço, isto é, conheço-as agora, e isso dá-me verdadeiro pesar, porque quisera tê-las conhecido há mais tempo.

— Oh! sempre poeta!

— É que de veras são de uma gentileza sem rival. Mas onde é que me viram?

— Em tua própria casa.

— Oh!

— Não te lembras? À noite, cansado das lutas do dia, recolhes-te ao aposento, e aí, abrindo velas ao pensamento, deixas-te ir por um mar sereno e calmo. Nessa viagem acompanham-te algumas raparigas... somos nós, as Utopias, nós, as Quimeras. Tito compreendeu afinal uma coisa que se lhe estava a dizer havia tanto tempo. Sorriu-se, e cravando os seus belos e namorados olhos nos da Utopia que tinha diante de si, disse:

— Ah! sois vós, é verdade! Consoladora companhia que me distrai de todas as misérias e pesares. É no seio de vós que eu enxugo as minhas lágrimas. Ainda bem! Conforta-me ver-vos a todas de face e embaixo de forma palpável.

— E queres saber, tornou a Utopia, quem nos leva a todas para tua companhia? Olha, vê.

O poeta voltou a cabeça e viu a peregrina visão, sua companheira de viagem.

— Ah! é ela! disse o poeta.

— É verdade. É a loura Fantasia, a companheira desvelada dos que pensam e dos que sentem. (ASSIS, 1862, p.136-137).

O mistério em torno da identidade das belas moças estava solucionado. Eram velhas conhecidas do poeta, suas companheiras das noites reflexivas. Até mesmo a verdadeira identidade da sílfide é desvendada, sendo ela na verdade, a loura fantasia. Depois dessa conversa reveladora Tito chegou-se à Utopia a Fantasia e ambas, de mãos dadas o olhavam. O poeta queira fazer mais perguntas, mas quando, depois de alguns segundos, começou a articular algumas palavras, notou que algo estranho se dava. As duas personagens começaram a se tornar vaporosas. Tito, tomado pelo terror, passou imediatamente à sala de jogos e notou que, também lá, tudo e todos começavam a evaporar. Desesperado, Tito lançou-se em carreira pelas galerias e escadas do palácio, chegando à praça, onde todos os demais quiméricos, objetos e construções, também começavam a se transformar em fumaça. Passados alguns instantes, Tito notou que até o chão faltava a seus pés, e logo, solto no espaço, soltou um grito de dor.

Tito então caía perpendicularmente em direção a um pequeno ponto, do tamanho de um ovo. A morte era para ele certa, até que através dele Tito pôde ver a Terra. O alívio veio novamente acompanhado pelo terror, pois naquela velocidade e daquela altura, era certo que jamais se levantaria. Constatado isso, Tito fechou os olhos e encomendou sua alma a Deus. De repente, milagre, o poeta caiu de pé, “[...] firme como se não tivesse dado aquele infernal salto” (ASSIS, 1862, p.138), em uma praia. Mas em que ponto do planeta teria caído, na China ou na Sibéria? Em nenhum dos dois, Tito estava a dois passos de casa. Assim, caminhou depressa nessa direção. Lá chegando encontrou a galga de estimação e a vela já gasta, deitou-se e por fim “adormeceu, refletindo no que lhe acabara de acontecer” (ASSIS, 1862, p.138). Deixemos as palavras finais ao narrador da história:

Desde então Tito possui um olhar de lince, e diz, à primeira vista, se um homem traz na cabeça miolos ou massa quimérica. Devo declarar que poucos encontra que não façam provisão desta última espécie. Diz ele, e tenho razões para crer, que eu entro no número das pouquíssimas exceções. Em que pese aos meus desafeiçoados, não posso retirar a minha confiança de um homem que acaba de fazer tão pasmosa viagem, e que pôde olhar de face o trono cintilante do rei das Bagatelas. (ASSIS, 1862, p.138).

O narrador, conhecido do poeta, afiança que depois da viagem Tito nunca mais foi o mesmo, pois identificava com facilidade o homem que trazia dentro cabeça a tal massa quimérica. Desse modo, conclui o narrador que, de acordo com seu amigo Tito, ele estaria entre os poucos que não possuíam essa substância nos miolos. Informação certa, pois, afinal das contas, quem afirmava isso era um homem

que, de mãos dadas com a Fantasia, esteve frente a frente com o rei das Bagatelas. Porém, retomando nossa hipótese inicial, a que Machado de Assis fazia literatura com a mesma pena que fazia política, passemos a buscar nas aventuras do poeta Tito essa mesma coerência.

“Uma série de meros acontecimentos domésticos”

O narrador do conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe (2008, p.69), de quem emprestamos o título acima, logo no início de sua história afirmava:

Para a narrativa muito estranha, embora familiar, que ora começo a escrever, não espero nem peço crédito. Louco, na verdade, seria eu se o esperasse num caso em que meus sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Louco, porém, não sou e, com toda a certeza, não estou sonhando. Mas como amanhã morrerei, quero hoje aliviar minha alma. Meu imediato propósito é o de apresentar ao mundo, de forma simples, sucinta e sem comentários, uma série de meros acontecimentos domésticos.

De forma semelhante, acreditamos que a viagem de Tito ao País das Quimeras, por mais estranha que possa parecer, possui na verdade raízes bem pouco fantásticas. Deste modo, ao atentarmos para o cenário político que se desenhou a partir de 1862, ano da publicação do conto, e, sobretudo, sobre as crônicas machadianas desse período, podemos, assim como o narrador de Poe (2008, p.69), concluir que o sobrenatural, nesse caso, nada mais é do que “uma série de meros acontecimentos domésticos”.

Ao mesmo tempo sabemos que o mote do literato “sem dinheiro e sem bigode” diante de um sujeito rico que tenta insistentemente tirar proveito de sua situação de penúria, liga-se diretamente à temática de outro conto, publicado no primeiro número d’*O Futuro*. Trata-se da narrativa “O maior amigo de Luís de Camões” de Camilo Castelo Branco (1862). Neste aspecto temos mapeada uma das influências, talvez a mais direta, de Machado de Assis. E, ainda no campo das influências, podemos também afirmar que Machado foi buscar na tradição fantástica anglo-saxã, sobretudo em Poe, a atmosfera “quase-macabra”, como define Fernandes (2003), que utilizou para descrever a tempestade e a noite em que o poeta Tito foi levado pela sílfide alada. Entretanto, podemos afirmar que o fantástico em Machado devia muito a seu posicionamento político, expresso principalmente em suas crônicas.

Mas, tomemos inicialmente os sentidos da palavra quimera. Assim, ao lado de “monstro fabuloso, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão”, temos “fantasia, esperança irrealizável, ilusão, utopia [e] absurdo”. Este último

parece ser o melhor termo para definirmos a terra visitada por Tito, ou seja, o país dos absurdos. Mas em que consistiam esses absurdos? Ou melhor, reformulando a questão: em que consistiam esses absurdos para um literato marcadamente liberal como Machado de Assis?

Como observamos ao chegar ao País das Quimeras, Tito é conduzido pela sílfide direto à presença do soberano, o Gênio das Bagatelas, ou seja, das “coisas sem valor, das ninharias [e] insignificâncias”. Este carrega sobre a cabeça, juntamente com os demais membros da corte quimérica, um pavão vivo atado com fitas amarelas ao queixo, que de tempos em tempos se arma e guincha. Desse modo, um chefe de estado e uma corte onde cada membro carregava um pavão, símbolo da vaidade e da arrogância, sobre a cabeça, não desobrigaria os rituais mais insignificantes de toda pompa e circunstância, como o suntuoso beija-mão realizado naquela ocasião. Lembremos que o beija-mão tratava-se de um ritual antigo da corte portuguesa extinto no Brasil por Pedro II apenas em 1871 (SCHWARCZ, 1998).

Terminada a cerimônia o soberano perguntou a Tito qual o pronome de tratamento que ele recebia em seu país de origem, para que a partir dele pudesse designar o cicerone mais adequado à posição social do poeta. Tito, como vimos, respondeu que era tratado por uma singela mercê, o que causou grande aborrecimento ao empavonado rei, que apenas tratava com senhorias e excelências. Mas, mesmo profundamente contrariado, o Gênio das Bagatelas designou o cicerone comum ao mísero hóspede, que ao lado deste e da sílfide continuou sua excursão pelo palácio quimérico. Assim, “Cada sala era ocupada por um grupo de pessoas, homens ou mulheres, algumas vezes mulheres e homens, que se ocupavam nos diferentes misteres de que estavam incumbidos pelas leis do país, ou por ordem arbitrária do soberano.” (ASSIS, 1862, p.135).

Em uma dessas salas Tito depara-se com o que pensa ser a despensa real, visto que esses homens e mulheres trabalham no que parecia ser uma iguaria fina para o almoço do soberano. Porém, o que os quiméricos preparavam era “[...] massa cerebral para um certo número de homens de todas as classes: estadistas, poetas, namorados, etc” (ASSIS, 1862, p.135) servindo também para algumas mulheres. Notemos que os estadistas estavam entre os primeiros a consumirem a tal massa quimérica. Por falar em estadistas, em outro momento Tito depara-se com uma conferência de quiméricos que discutiam “[...] os diferentes modos de inspirar os diplomatas e diretores deste nosso mundo os pretextos para encher o tempo e apavorar os espíritos com futilidades e espantalhos” (ASSIS, 1862, p.136). Aquela discussão era de tal importância que o soberano, temendo as catástrofes causadas pela distração daqueles quiméricos, colocou uma sentinela para guardar a sala.

Em seguida, Tito observa pela janela o espetáculo da execução do quimérico acusado de lesa-cortesia, crime terrível que, como vimos, consistia “[...] em não fazer

a tempo e com graça uma continência” (ASSIS, 1862, p.136). No país no qual o rei ostentava um pavão sobre a cabeça isso era considerado “a maior audácia possível e imaginável”. Vale ainda ressaltar que “[...] o povo quimérico contemplou a execução como se assistisse a um espetáculo de saltimbancos, entre aplausos e gritos de prazer.” (ASSIS, 1862, p.136). Narrado esse episódio, Tito passa à sala onde é servido o banquete real, que, por sua vez, dura poucos segundos, e em seguida precipita-se o fim da narrativa com a entrada das belas Utopias e Quimeras, que logo, juntamente com todo o país e seus cidadãos, começam a desaparecer. Tito então começa a cair na direção de um pequeno buraco que se alarga, até que milagrosamente cai em pé em uma praia próxima a sua casa. Conclui-se que, depois de tal viagem, Tito ganhou a capacidade de identificar à distância o indivíduo que carrega massa quimérica em seus miolos.

Esses elementos sobrenaturais do conto fantástico de Machado de Assis ganham outros significados se os analisamos na perspectiva de outros textos do autor, como as já mencionadas críticas literária e teatral, onde o autor defendia com veemência o engajamento do literato. Nesse sentido, podemos tomar o poeta Tito como uma espécie de anti-herói, uma vez que sua ambigüidade moral, expressa também no aspecto físico, o distanciava do modelo de literato defendido por Machado. Mas as passagens acima retomadas, ou seja, as arbitrariedades do Gênio das Bagatelas, o cerimonial exagerado da corte quimérica, a questão em torno do pronomes de tratamento do poeta, a existência da massa quimérica em alguns seres humanos, a execução por lesa-cortesia, e, sobretudo, a influência quimérica em estadistas e dirigentes deste planeta estão ligados a temas que o combativo cronista Machado de Assis tratava em seus “Comentários da Semana”.

Ilustremos esta hipótese com o “Comentário” de 22 de fevereiro de 1862, no qual Machado se mostrava “desgostoso e enjoado com as misérias políticas”. Ao lermos o fragmento abaixo, atentemos para os elementos que estão seguramente reaproveitados na composição do reino das Quimeras:

Hoje é necessário que alguma cousa assim satisfaça e entretenha o espírito público, desgostoso e enjoado com as misérias políticas de que nos dão espetáculo os homens que a aura da fortuna ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das cousas do país.

Causa tédio ver como se caluniam os caracteres, como se deturpam as opiniões, como se invertem as idéias, a favor de interesses transitórios e materiais, e da exclusão de toda a opinião que não comunga com a dominante. Para este resultado nem os mais altos escapam, e é tecendo defesas gratuitas ao príncipe que se procura provar a má fé alheia e os próprios fervores.

Nem fazem rir como D. Quixote, porque o namorado de Dulcinéia investindo para os moinhos de vento, nem armava à recompensa, nem queria medir

amores por lançadas. Tinha a boa fé da sua mania, e a sinceridade do seu ridículo. Estes não. (ASSIS, 2008, p.178).

Passados alguns meses, já em novembro do mesmo ano, Machado, com a publicação do conto analisado, constatou que ao contrário da mania de Quixote, o que de fato ocupava as mentes e influenciava as ações dos “homens que a aura da fortuna ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das cousas do país”, era nada menos que massa quimérica.

Conclusão

Na primeira crônica machadiana de 1863, publicada a 1º de janeiro n’*O Futuro*, onde o autor fazia um balanço do ano de 1862, podemos ler:

63 alvorece entre palmas e beijos. Será seu horizonte límpido e sereno, nenhum ponto negro ao longe, fará estremecer os espíritos? Não; 62 lega a 63 uma pesada herança; guerras, perturbações, descrenças, ódios, malquerenças, pirraças; nações sem rei, á cata de rei; reis sem trono, á cata de trono; reis constitucionais sem constituição; luta de irmãos, rusga de primos; papa-rei em Roma, rei-papa em França; o Oriente tempestuoso, o Ocidente enublado; o argumento em duelo com o sofisma, a mentira com a verdade, a boa fé com a velhacaria; mitragens políticas no sul, no norte, no oeste, de um pólo a outro, da parte de Aquiles, da parte de Heitor; a indecência triunfante, o decoro vilipendiado, a sinceridade mal entendida; a loucura no fastígio, o bom sendo ao sopé; imagem do caos, enfim, onde se abalroam, procurando solução, *duro e mole, o que é leve e o que é pesado*. (ASSIS, 1863a, p.265).

Mesmo entre “palmas e beijos” 1863 inevitavelmente traria consigo o legado penoso do ano que se encerrava. Ao descrever essa “pesada herança”, Machado não deixa de apontar os “reis constitucionais sem constituição”, as “mitragens políticas no sul, no norte, no oeste, de um pólo a outro, da parte de Aquiles, da parte de Heitor”, “a indecência triunfante, o decoro vilipendiado, a sinceridade mal entendida”, em suma, a “imagem do caos”. Seguramente foram fragmentos como esses que ofereceram os subsídios para que Jean-Michel Massa formulasse a hipótese da convalescença de Machado de Assis em sua fase como colaborador da revista *O Futuro*. Para Massa (1971, p.351), depois do fim dos “Comentários da Semana”, mesmo o “tom desabusado” guardava “as hesitações, reflexões e dúvidas” características desse período. Porém, ao contrário de convalescente, temos o mesmo Machado politicamente engajado dos meses de atuação do *Diário do Rio de Janeiro*. Assim, o que Massa entendeu como “crise pessoal” e “dúvida ideológica”,

percebemos como a continuidade do projeto político e literário que se empenhava Machado de Assis.

O Partido Liberal, com o qual Machado, como jornalista político, estreitou os laços principalmente após seu ingresso no *Diário do Rio Janeiro*, ascendia ao poder depois de um longo jejum iniciado em setembro de 1848, por intermédio do gabinete chefiado por Zacarias de Góis e Vasconcelos. No entanto, como nos mostra o historiador Francisco Iglésias (1985, p.84), a partir de 27 de maio de 1862, inaugurou-se “[...] mais que um gabinete, mas nova composição política, em que conservadores e liberais se compõem para o governo.” Esta nova “composição” formada por, nas palavras do próprio ministro Zacarias (apud IGLÉSIAS et al., 1985, p.87), “conservadores moderados e liberais”, denominada como Liga Progressista, acabava por reeditar a velha e combatida, sobretudo pelos liberais do *Diário*, conciliação partidária, arquitetada e regida por conservadores de peso como o Marques de Paraná alguns anos antes. Contudo, o primeiro gabinete Zacarias, por durar apenas quatro dias, entrou para a história como “o gabinete dos anjinhos”. Forma-se então, a partir 30 de maio de 1862, o 18º gabinete, chefiado pelo Marquês de Olinda, inimigo político de outros tempos que, como Zacarias, dava continuidade a política da Liga Progressista. (IGLÉSIAS et al., 1985).

Importa-nos aqui captar os efeitos dessas mudanças, ou permanências, na ordem política nos posicionamentos do jovem literato Machado de Assis. Neste sentido, Jefferson Cano e Lúcia Granja (2008), na Introdução do volume de crônicas *Comentários da Semana*, por eles organizado, nos oferecem elementos para pensarmos as ligações entre os princípios políticos de Machado, expressos de maneira bem objetiva em suas crônicas, e seus escritos ficcionais, como no conto “O País das Quimeras”. Esse estudo, que preza por analisar os textos machadianos em contraponto com demais textos publicados no *Diário*, revela-nos o radicalismo da veia política do autor que, em alguns momentos, não poupava ataques diretos a personagens importantes da cena política do período, principalmente membros do partido conservador. Portanto, após o fim do “gabinete dos anjinhos” e a ascensão do gabinete chefiado por Olinda temos que o *Diário do Rio de Janeiro*, “para cúmulo das ironias”, como notam os pesquisadores, passa a apoiar a Liga, tendo em vista, entre outros fatores, “a conformidade dos atos do governo com a lei” (CANO; GRANJA, 2008, p.37). A abominada conciliação de outros tempos viu-se, debaixo de auspícios do *Diário*, reeditada sob a batuta do velho inimigo político. Deste modo, a respeito dos efeitos dessa manobra em Machado, complementam Cano e Granja (2008, p.36-37):

E, nessa situação, já não haveria necessidade, e talvez nem mesmo espaço, para a pena afiada que talhava os “Comentários da semana”. Mas se o jovem cronista liberal se calava por ora, experimentado o desgosto pela política (ou quem sabe o gosto da derrota política), nem por isso seu silêncio apagara os ecos

que ficariam daqueles seus primeiros comentários: por um lado, o exercício da política na forma de uma crítica liberal que não o abandonaria pelos anos afora; por outro, o sentido dessas crônicas como espaço de experimentação literária sem o qual dificilmente nos daria a conhecer a refinada prosa em que exprimiria aquela crítica.

O conto “O país das Quimeras” está, portanto, pelos absurdos que narra, entre os primeiros ecos do jornalismo liberal de Machado em sua ficção. Desse modo, tendo em vista, por um lado, o quadro político que se definiu durante o gabinete Olinda e, por outro, o engajamento de Machado na imprensa liberal, verificamos que os elementos sobrenaturais do fantástico machadiano ganham sentidos bem mais concretos. Assim, ao contrário de Massa (1971), que definia a fase d’*O Futuro* como de convalescência, vimos que Machado continuou firme na defesa de seus princípios políticos. Apenas não os defendendo na forma direta característica de sua crônica, mas ensaiando – *ensaiando*, sublinhemos bem esta palavra – aquilo que Luiz Costa Lima (1984, p.260), a propósito do romance *Esau e Jacó*, definiu como “narrativa em palimpsesto”, ou seja, aquela “[...] formada por duas camadas, uma aparentemente cordata, a esconder da tinta visível a virulência crítica, deposta na segunda.”

GODOI, Rodrigo Camargo. The fable of a liberal journalist: politics and literature in a Machado de Assis’ fantastic short story. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.2, p.47-67, July./Dec. 2008.

- **ABSTRACT:** *This article analyses Machado de Assis’ fantastic short story “O País das Quimeras” going from the critics and chronicles where the author clearly shows us his both politic and artistic conceptions. Thus, without refusing the influences of the 19th fantastic literature in Machado’s short story, we could verify that the young writer started using the fiction as a space to discuss important matters of his own prose, like Brazilian empire politics.*
- **KEYWORDS:** *Machado de Assis. Short story. Politics.*

Referências

ARMANGE, A. H. K. A concepção de conto em Machado, Poe e Tchekhov: diferenças e similitudes. **Entrelinhas**, São Leopoldo, ano 2, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinis.br/index.php?e=2&s=9&a=7>>. Acesso em: 19 jun. 2008.

ASSIS, M. de. **Comentários da Semana**. Organização, introdução e notas de Jefferson Cano e Lúcia Granja. Campinas: Ed. da Unicamp: 2008.

ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v.3.

_____. Chronica. **O Futuro**, Rio de Janeiro, ano 1, n.8, p. 265-268, 1 jan. 1863a.

_____. O acordar da Polônia. **O Futuro**, Rio de Janeiro, ano 1, n.13, p.425-428, mar. 1863b.

_____. O país das quimeras. **O Futuro**, Rio de Janeiro, n.4, p.126-138, nov. 1862.

AZEVEDO, S. M. **A trajetória de Machado de Assis**: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro. 1990. 736f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CANO, J. Escravidão: a formação do escritor, as artes do político. **Biblioteca Entrelivros**: Machado de Assis, São Paulo, Edição Especial, n.10, p.28, jun. 2008.

_____. **O fardo dos homens de letras**: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro. 2001. 165f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CANO, J.; GRANJA, L. Introdução. In: ASSIS, M. de. **Comentários da Semana**. Organização, introdução e notas de Jefferson Cano e Lúcia Granja. Campinas: Ed. Unicamp: 2008. No prelo.

CASTELO BRANCO, Camilo. O maior amigos de Luís de Camões. **O Futuro**, Rio de Janeiro, n.1, 15 set. 1862.

CAVALLINI, M. C. **O Diário de Machado**: a política do Segundo Reinado sob a pena do jovem cronista liberal. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FERNANDES, M. J. F. Machado de Assis quase-macabro. **Poiesis**: literatura, pensamento e arte, Saquarema, n.85, abr. 2003. Disponível em: <http://www.netterra.com.br/poiesis/85/machado_de_assis.htm>. Acesso em: 19 jun. 2008.

IGLÉSIAS, F. et al. Vida política, 1848-1866. In: HOLANDA, S. B. de (Dir). **História geral da civilização brasileira**: o Brasil monárquico: reações e transações. São Paulo: Difel, 1985. t.2. v.3.

JUNQUEIRA, M. A. **A presença de Poe em Machado**: a filosofia dos efeitos. Disponível em: <http://www.geocities.com/all_br/apresençadepoeemmachado.html>. Acesso em: 19 jun. 2008.

LIMA, L. C. **O controle do imaginário**: razão e imaginário no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LULA, D. de O. G. **O lugar do fantástico em Machado de Assis**. Disponível em: <http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_33.pdf> Acesso em: 19 ago. 2008.

_____. **Machado de Assis e o gênero fantástico**: um estudo de narrativas machadianas. 2005. 76f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

MASSA, J.-M. **A juventude de Machado de Assis (1839-1870)**: ensaio de biografia intelectual. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

POE, E. A. **Histórias extraordinárias**. Seleção, apresentação e tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

RISSÁ, K.; BITTENCOURT, A. L. **Confluências literárias**: Machado de Assis e Edgar A. Poe. 2007. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/pet/kelly.pdf>> Acesso em: 19 jun. 2008.

SÁ, M. C. de. **Da literatura fantástica**: teorias e contos. 2003. 144f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SILVEIRA, D. M. da. **Contos de Machado de Assis**: leituras e leitores do Jornal das Famílias. 2005. 211f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOUSA, J. G. de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1955.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Debates, 98).